

# Pastore volta ao Rio após acordo com credores

JORNAL DO BRASIL 03 FEVEREIRO 1985

## FMI rediscute metas com Brasil

**Nova Iorque** — Com o acordo entre o Brasil e os bancos tecnicamente concluído, o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, viajou para o Rio, onde chega hoje pela manhã. Em Nova Iorque, para manter encontros com o Comitê de Assessoramento, fica o diretor da área externa do BC, José Madeira Serrano.

Pastore teria antecipado a sua volta por não ter muito mais o que discutir em Nova Iorque e devido a problemas na área econômica e no Banco Central, no Brasil. Amanhã chega a Nova Iorque o Ministro da Fazenda, Ernane Galvães, que deve acompanhar as negociações sobre o monitoramento das metas econômicas brasileiras pelo Fundo Monetário Internacional, o ponto que ainda falta para o fechamento oficial do "pacote".

Segundo o **New York Times**, que ontem reproduziu, em matéria de página interna de sua seção de economia, as declarações de Tancredo Neves instando os EUA a reduzirem suas taxas de juros "muito cruéis", os bancos e os negociadores brasileiros vão discutir nas próximas duas semanas os critérios para o FMI observar a economia do Brasil e estabelecer um papel adequado para a agência em seu relacionamento com o país.

*Dívida ext.*  
(A posição ostensiva do Fundo, adotada nos últimos anos, pode provocar reações internas no próximo Governo.)

Segundo o **New York Times**, o diretor executivo do FMI, Jacques de Larosière, teria dito a alguns bancos que o Brasil deixou de cumprir as metas econômicas de seu programa em dezembro. Essas metas incluem o déficit do orçamento, a expansão da base monetária e a taxa de inflação.

Segundo o jornal, um porta-voz do FMI negou-se a comentar o assunto, mas um funcionário do Fundo lembrou que o Comitê ainda terá que aprovar o desembolso da parcela prevista para março do crédito concedido pelo FMI ao Brasil. Se as metas não forem cumpridas, o desembolso dessa parcela poderia ser suspenso.

Os bancos não parecem muito preocupados com o comentário de Larosière sobre o Brasil e lembram que a economia brasileira vem melhorando. Eles manifestam a esperança de que o país, até fevereiro, consiga se enquadrar no figurino do FMI.

**FRITZ UTZERI**  
Correspondente

**Brasília** — Apesar dos bons resultados alcançados na área externa, principalmente o saldo da balança comercial de 13 bilhões de dólares, o fantasma que assusta os bancos credores e interfere na renegociação de toda a dívida externa é o péssimo resultado da política econômica em 1984.

Por isso, na próxima semana, prosseguirão os entendimentos entre o Fundo Monetário Internacional e o alto escalão do Banco Central, em mais uma tentativa para que os indicadores de inflação, base monetária ou meios de pagamento não sejam obstáculos à renegociação da dívida externa.

O sinal de alerta tinha sido dado no último dia 25, quando, discreta e inesperadamente, chegou a Brasília o coordenador do grupo de economia do comitê de assessoramento dos bancos credores, Douglas Sme, diretor do Bank of Montreal. Sme, ao contrário das vezes anteriores, não foi ao Departamento Econômico do Banco Central, limitando seus contatos ao Departamento de Operações Internacionais. Ele retornou no dia 27 a Nova Iorque, levando na pasta os mais recentes números sobre o desempenho da economia brasileira, para servir de subsídio ao comitê de assessoramento dos bancos credores.

Os números, obviamente, não podiam agradar. Afinal, o Brasil havia prometido uma inflação de 120% em 1984 e o resultado foi trágico: 223,8%. Embora a base monetária (emissão primária de moeda) e os meios de pagamentos (dinheiro em poder do público mais depósitos à vista nos bancos comerciais) não constituam critérios de desempenho, os resultados foram igualmente pessimistas: a meta era de uma expansão de 95%, tanto para a base monetária como para os meios de pagamento. O resultado foi de 247,9% e 205,3%, respectivamente.

O próprio chefe da Divisão do Atlântico do FMI, Thomas Reichmann, foi obrigado a confirmar os números negativos que Sme apresentou ao comitê de bancos, no início desta semana. A preocupação dos banqueiros, afinal, não é sem motivos, pois, na última Carta de Intenção enviada ao FMI, em 20 de dezembro, o alto escalão da economia brasileira prometeu uma expansão de apenas 60%, percentual que foi imediatamente classificado, por diversos economistas como uma peça de ficção científica.

**MAURICIO CORREA**